

J. A. MENDES

EXTRACÇÃO E FUTURO DA BORRACHA

Valle do Amazonas



1910

PARÁ - BRAZIL

AO LEDOR

Este pequeno trabalho, como o que o precedeu, representa, na sua contextura, a obra fragmentaria, e não raro de adaptação que as circumstancias de occasião foram suggerindo; sendo-lhe guardada, porém, a unidade de vista de quem fazendo-a, servio, aliás, uma causa superior ao esforço proprio.

Outros mais aptos e seguros do exercicio da escripta, certo, cuidariam o assumpto com mais proveito, porém não, com maior sinceridade, nem melhores desejos.

O momento e a situação economica dos dous grandes Estados nortistas, opulentados com um exuberante acervo de riquezas naturaes, estão a reclamar estes estudos, — tratada como hoje soe ser, na competição das lutas mercantis, a sciencia de administrar.

D'esta disciplina são parte integrante aquellas cogitações, que devem ir além da simples e nem sempre productiva taxação do Imposto.

O capitulo primacial que a Economia é da Politica, deve ser enfrentado, por nós, com a serenidade e isenção, que excluam enthusiasmos e desfallecimentos.

Mesmo, porque já se disse algures que, n'estes assumptos, se o optimismo é perigoso, o pessimismo é infecundo.

Liverpool, maio, 1910.

J. A. MENDES.

EXTRACÇÃO E FUTURO DA BORRACHA

NO

VALLE DO AMAZONAS

A Extracção da Borracha e seu futuro no Valle do Amazonas

Quem nos leu a versão do valioso trabalho do sr. W. M. Ivins, — «A borracha como um producto mundial»¹ — e fizer o mesmo quanto ao do sr. D. Sandmann, verá que o nosso intuito é mostrar, na hora presente em que o nosso primeiro producto de exportação interessa aos poderes publicos e a particulares, quanto elle preoccupa tambem a paizes que, como a Inglaterra e a Allemanha, nos ameaçam com a sua tremenda competencia.

Não querendo dizer que aceitamos, *in totum*, a opinião dos escriptores alludidos, todavia em muitos pontos lhes descobrimos o conselho util e o aviso á inadvertencia, que, de nossa parte, significará talvez a morte da nossa industria extractiva.

Em seguida ao exhaustivo trabalho do sr. Sandmann, daremos aos leitores alguns extractos da «A industria da borracha no Oriente», titulo esse com que Herbert Wright, talvez a maior auctoridade n'este assumpto, publicou, de volta da sua ultima viagem a

¹ *A Crise Amazonica e a Borracha*, 2.^a edição, Porto, 1909.

Ceylão, Java, Sumatra, Strait-Settlements e Estados Federados da Malasia no *The India Rubber Journal*, de 21 de setembro, a sua conferencia realizada no certamen de Londres, sobre as condições das plantações asiaticas.

Tendo atravessado em 1906 o Ceylão, India e Birmania, no intuito de alli estudar a administração e base das plantações tropicaes, fui ao Brazil em 1907, com o fim de continuar os meus estudos. Meu intento principal foi informar-me da futura producção da borracha n'aquelle paiz, continúa o sr. Sandmann.

Como nas minhas viagens anteriores, tinha essa por escopo também o interesse no progresso do commercio e industria das nossas colonias da Africa. Os successos das vastas plantações de borracha n'aquellas dependerão sem duvida, em grande parte, da producção brasileira.

Da producção de amanhã no Brazil, ou da sua cessação, especialmente no valle do Amazonas, dependem as novas plantações das especies inferiores, como a Maniçoba, Kickxia, Castilloa, etc., isto é, só os seus valores mercantis justificar-lhes-ão o plantio.

Das vastas regiões d'aquelle valle, só uma pequena parte está sendo explorada. A maior parte dos terrenos ainda constitue patrimonio do Estado. Em poder dos particulares estão sómente os terrenos, á margem dos rios e lagos, com alguns kilometros de fundo.

São, na maior parte, florestas em que abundam as arvores da *hevea*, e noutras, plantações de cacau e fazenda de gado. Chamam-se posses particulares, quando demarcadas, legitimadas e tendo pago uns fóros ou impostos determinados.

Muitos seringaes, apesar da posse estar reconhecida de ha longos annos, são trabalhados, sem que se lhes tenham os titulos definitivos.

Não raras vezes acontece que um vizinho ou extranho requeira ao governo o titulo de um terreno, já ha muito na posse de outrem, sendo que lh'o cedem.

D'isso resultam contendas e questões judiciaes.

A matta preparada para a extracção da borracha chama-se *seringal* e representa um grande capital.

Com a perda do titulo definitivo, este capital, já se vê, está perdido.

Não só a demarcação e posse do terreno, mas também a abertura de caminhos, a que chamam estradas, exigem trabalho de não pouco valor. Os braços para o trabalho mandam-nos vir de bem longe, do Ceará ou do Maranhão. Esta gente recebe adiantamentos, que, logo no começo, se elevam a 500\$000, por trabalhador, e que accrescidos dos fornecimentos, até á construcção de barracas e abertura das estradas, ainda se elevam. Um seringal de 100 estradas exige, pelo menos, 50 homens. Mas como se devem levar em linha de conta a mortalidade e as molestias e o patrão ainda precise de braços para a administração do barracão, aquelle deve contar, pelo menos, com 80 homens.

Estes precisam desde logo, para a viagem inicial, de um adiantamento de 500\$000. Portanto, ahi temos 40:000\$000 ; e, até prepararem-se as estradas, para se dar logar o inicio da colheita, faz-se mister outro tanto, maximé quando se considere que, d'entre os trabalhadores, alguns ha que pouco servem, ou, antes de terem resgatado as despesas, morrem.

Não é para extranhar que um seringal, com 400 ou 500 estradas, appareça debitado, nos livros do aviador, pela somma de 400 a 500 contos de réis.

Para a localização de um seringal procura-se de preferencia levantar as barracas, á margem dos rios, proximo dos logares de facil accesso á navegação. N'uma d'estas barracas abre-se uma *venda*, servindo as outras para moradia. Abrem-se então picadas, que

ringueiros, occupam os seringaes outros empregados, para balcão, cozinha, despacho das mercadorias, pesagem da borracha, caça e pescaria.

Os ultimos occupam-se da caça e pescaria, especialmente a de tartaruga, provendo pelo pescado e carne frescos. Caçadores e pescadores são de ordinario naturaes do Amazonas e são bem pagos, ganhando a média de 3 contos por anno, em alguns logares. Engajam-se outros empregados sómente para o tempo da safra, que vae de 6 a 8 mezes do anno. O pessoal dos barracões é pago mensalmente; os seringueiros trabalham por conta propria, e recebem, na entrega da borracha, aviamentos em troca do producto, conforme o preço porque este seja cotado nos mercados do Pará e Manaus.

Havendo necessidade de maior pessoal, (o que acontece com a chegada de um vapor), para o embarque de generos e desembarque de mercadorias, empregam-se seringueiros e pessoal dos barracões, no auxilio desse trabalho. O gerente ou aviado dirige todo o serviço, tendo ás vezes um auxiliar.

Principalmente nas terras alagadas, o que aliás não quer dizer que se excluam os terrenos mais altos — a terra firme —, é que a *hevea* cresce.

Mais de 20 especies differentes são conhecidas até agora. A que melhor borracha produz é a *hevea brasiliensis*, Müll. Arg., ou como lhe chamam na terra de origem, seringa branca.

De accôrdo com a maior ou menor quantidade da *hevea*, n'uma dada região, abrem-se as estradas, que não são mais do que picadas tortuosas e irregulares, comprehendendo de 100 a 150 seringueiras.

Este numero varia com os logares. A's vezes abre-se uma estrada com um numero menor de arvores, suppondo que o seringueiro, durante o seu trabalho, descobrirá novas seringueiras, nas proximidades das

que lhe tocam. N'este caso, como quasi sempre, corre a estrada em zig-zag, para abranger todas as seringueiras.

De accôrdo com o tamanho do seringal, contém elle de 40 até 800 estradas. O seringueiro começa a sua actividade, ordinariamente, com o sol nascente, ás 6 horas. Armado de uma machadinha, um terçado e, ás vezes, da sua espingarda de caça, entra na matta. O balde em que carrega o leite, deixa-o á entrada da estrada.

As tigellinhas são pequenos vasos de folha de Flandres, de cêrca de 100 grammas e que servem para apanhar o leite, que deflue da casca da seringueira. Ficam perto de cada arvore, pendentes de um ramo, ou espetadas n'um pau, onde permanecem durante a safra. No começo da colheita, que, variando com a região, se inicia mais cêdo ou mais tarde, limpam-se as estradas, tiram-se-lhes os troncos de madeiros cahidos, cortam-se-lhes os arbustos, para d'est'arte desbraval-as dos obstaculos. O primeiro giro é feito, com uma machadinha de cabo de um metro de comprimento, sangrando se a arvore n'uma altura de 3 $\frac{1}{2}$ metros. Este golpe faz affluir o leite, que obedece a um movimento de ascendencia da raiz da arvore e facilita-lhe a extracção. Deixa-se correr este leite para mais tarde ser aproveitado, como sernamby.

Após dois dias d'esta operação da *sangra*, começa a extracção regular. A machadinha com que se dá começo ao trabalho tem uma lamina de 3 $\frac{1}{2}$ centimetros de largura, e o cabo de 50 centimetros. As melhores são as de ferro fundido, não muito duro, para a lamina não penetrar muito fundo. Acontece que os seringueiros ás vezes usem-n'as de aço, com um côrte de 7 centimetros. Isto porém lhes é vedado pelo proprietario, em virtude do damno que assim facilmente produzem ás arvores.

Estas começam-se a trabalhar, na altura de 2 metros, fazendo se-lhes córtes ou incisões na casca, com uma inclinação de 25 graus.

Continuam-se estes córtes diariamente, n'uma distancia de 5 a 7 centímetros, e em movimento descendente, com 35 golpes, e approximando se do sólo n'uma linha em sentido vertical. Chama-se a isto uma *arração*.

Terminada esta operação, é recomeçada, n'uma altura de 2 metros, e da mesma maneira, ao que se chama, a segunda *arração*.

Ao golpe penetrante da machadinha na casca, torce-se aquella um tanto para fóra, procurando abrir um pouco mais a ferida e favorecer a sahida do leite. O golpe deve sómente produzir um cóрте de 3 $\frac{1}{2}$ centímetros de extensão, e não interessar o *cambium* e a madeira. Muitas vezes o golpe é demasiado fóрте e penetra até á madeira. D'isso resulta, quando a ferida sára, que, em lugar de ficar lisa a casca, formam-se-lhe nodulos ou antes cascões; outras vezes, sendo prolongadamente trabalhadas, a casca torna-se-lhe tão deformada, que, a um simples golpe, desagregam-se pedaços até de 8 centímetros e o leite deflúe de toda a extensão da ferida.

Na parte inferior do golpe introduz-se uma tigellinha, que com o canto agudo e cortante facilmente penetra na casca, para apanhar o leite.

Os golpes guardam a distancia de 2 palmos — 44 centímetros — em direcção horizontal. Uma seringueira de 90 centímetros de diametro é armada com 2 tigellinhas.

Como as arvores estejam, uma da outra, a 10 minutos, e o caminho não raro atravancado de troncos, coberto de pantanos e cortado de igarapés, o trabalho de collocar as tigellinhas gasta de 2 até 3 horas.

Tendo o seringueiro, chegado ao fim da estrada,



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**